

## **Discurso do ministro Gilberto Gil na Ordem do Mérito Cultural 2004**

Brasília, 9 de novembro de 2004

Caro presidente Lula. Amigos e amigas. Boa tarde a todos.

Sei que as cerimônias e as celebrações oficiais convidam ao discurso da autoridade. E não será desta vez que, embuído mais do que nunca do papel de ministro, recusarei o convite. Embora aprecie as novidades e as mudanças, tenho a exata noção da importância dos rituais, das tradições. E confesso um certo apego, uma queda mesmo, para as palavras, para a expressão oral, para a arte da retórica, para o som e o sentido da oratória. Falar hoje, portanto, não tem a marca do inusitado, nem constitui um sacrifício. Mas tenho a impressão de que, embora adequado à circunstância, este pronunciamento solene, solene como o palácio, como o púlpito, seja redundante. Ou desnecessário. Digo isso porque a lista dos homenageados deste ano, dos que estamos agraciando com o Mérito Cultural, fala por si. Acabo de passar os olhos, mais uma vez, por esta relação. E de percorrer visualmente o salão em que nos encontramos. Estou convencido de que temos um elenco autoexplicatório. A escolha se autoexplica. A lista fala, melhor do que um discurso, sobre a nova direção da Ordem do Mérito Cultural. Sobre a nossa concepção de cultura. Sobre o que tem sido a ação do Ministério da Cultura nesses dois anos de governo. Sobre o próprio governo. Fala, principalmente, do nosso Brasil, país mestiço, plural e complexo, que desafia a todo instante nossa capacidade de compreendê-lo, e que também nos arrebatava. Vocês, que recebem essas medalhas e esses diplomas, são o Brasil.

Um Brasil que tem na ginga e no sorriso de Pelé, na arte ao mesmo tempo apolínea e dionisíaca de Pelé, a sua síntese. Ou uma de suas sínteses. Um Brasil, portanto, que é o gol de placa de Pelé, com seu braço erguido e seu punho fechado, signo de festa e de luta. Que é o futebol e o jeito brasileiro de jogar, e também o furacão do Oficina, o traço de Angeli, a nova África de Alberto da Costa e Silva, o fervor de Arnaldo Carrilho pelo cinema novo, os sentidos aguçados das irmãs de Campina Grande, a militância de Danilo Miranda, a poesia

visual da Natura de Krajcberg, o samba e a zanga de Vó Maria. Um Brasil que se representa e se interpreta no Arte Contra a Barbárie, na Turma da Mônica, na Fundação Casa Grande, no Boi Barrica e no Cordão da Bola Preta. No Pracatum do Candeal. No candombe da Serra do Cipó. No Festival de Paraty. No cinema de Geraldo Sarno e Ozualdo Candeias. Na voz de Inezita e no piano de João Donato. Nas cirandas de Lia. Na perseverança de Violeta. Em Márcia Haydee e Olga Prager. Na arquitetura mais do que brasileira, e mais do que cosmopolita, de Paulo Mendes. No teatro de outro Paulo, o José. No povo Panará, e não por acaso Panará significa gente. No Dança Comunidade da Favela da Maré, nos bailarinos do Pulsar, na fotografia de Walter Firmo. Na música e na poética de Caetano. E na criação viva de Renato Russo, Fernando Sabino, Waly Salomão, Raquel de Queiroz. Na entrega de Orlando Villas-Boas. Na mão amiga de José Blanco e Franco Fontana. O Brasil está aqui. E o Brasil pulsa. E o Brasil vibra aqui.

Há pessoas e instituições nesta lista, porque a cultura não é apenas o labor individual, mas a multiplicação de todos os labores. Há criadores e gestores, porque a cultura depende de uns e de outros. Há homens e mulheres. Há brancos, negros, índios e mestiços. Há gente de todas as regiões do país. De um grande número de campos da expressão artística. E gente que faz e compartilha cultura para além das expressões artísticas tradicionais. Há uma diversidade e uma intensidade, que são a diversidade e a intensidade da própria cultura brasileira. Uma cultura singular em quantidade, qualidade e variedade. Uma cultura que transborda, surpreende, e que pode ser muito mais. A cada dia, cada viagem, cada conversa, conheço um pouco mais, intuo mais, e vejo que o horizonte se distancia, pois a descoberta mostra que ainda há muito por descobrir. O trabalho como ministro tem sido uma experiência de revelação e de encantamento com o país, com o povo brasileiro, com todos vocês. E quanto mais fazemos no Ministério, mais surge para fazer. De fato, tão evidente quanto a riqueza da cultura brasileira é o seu potencial não-realizado e a incompreensão de seu papel estratégico. Potencial de renda, de emprego, de qualificação das relações sociais, de auto-estima, de soberania, de crescimento individual, de inclusão social, de cidadania, de sensibilidade e de prazer. Faltam recursos, claro. Mas não falta empenho, não falta vontade. E não falta inspiração.

A cultura mestiça do Brasil, que os homenageados de hoje fazem e simbolizam, é a grande conquista deste povo. E sua principal contribuição a um planeta ainda marcado pela guerra, pela intolerância, pela busca da hegemonia, pela segregação. Não é por acaso que há tanta simpatia pelo Brasil mundo afora. E tanto apreço pela nossa música, pelo nosso futebol, pelo nosso cinema, pela nossa literatura, pelas intervenções coletivas dos brasileiros. Há no Brasil um sentido evidente de superação, de celebração da vida, de intensidade emocional, de liberdade, que comove quem nos vê, nos ouve, nos toca, nos prova e nos cheira. Trata-se da perfeita antítese da guerra, da intolerância, da hegemonia, da segregação. Não podemos perder isso. Não podemos nos curvar à barbárie. Não podemos deixar de acreditar e apostar no sucesso do país. E mais... Além de reconhecer e cultivar o que há de bom, temos a obrigação de aproveitar o evidente potencial afetivo e econômico da cultura nacional. Devemos incorporá-la, como protagonista, ao projeto de desenvolvimento do país. Não basta crescer, não basta distribuir renda; é preciso democratizar o acesso à felicidade. Se fiz questão de mencionar cada nome, cada projeto que consagramos, é porque os substantivos próprios da lista dispensam adjetivos. Eles dizem o que há de mais fundamental a dizer. Eu só acrescento: empresários, invistam em cultura; governos, priorizem a cultura; cidadãos, façam e apreciem cultura. Cultura brasileira. Cultura do mundo. Cultura da paz.

Para encerrar, retomo um antigo lema religioso, correndo o paradoxal risco de soar absolutamente pagão: só a cultura salva.

Parabéns a todos. E muito obrigado.